

I

— ... eu sei, compreendi, não devia. Eu, Alfa Ndiaye, filho do homem muito velho, compreendi, não devia. Pela verdade de Deus, agora sei. Os meus pensamentos não pertencem senão a mim, posso pensar o que quiser. Mas não falarei. Todos aqueles aos quais teria podido dizer os meus pensamentos secretos, todos os meus irmãos de armas que terão tornado a partir desfigurados, estropiados, de tal modo que Deus terá vergonha de os ver chegar ao seu Paraíso ou o Diabo se regozijará de os acolher no seu Inferno, não terão sabido quem eu sou de veras. Disso, os sobreviventes nada saberão, o meu velho pai nada saberá e a minha mãe, se ainda estiver neste mundo, não o adivinhará. O peso da vergonha não se somará ao da minha morte. Eles não imaginarão o que eu pensei, o que eu fiz, até onde me conduziu a guerra. Pela verdade de Deus, será salva a honra da família, a honra de fachada.

Eu sei, compreendi, não devia. No mundo de antes, não teria ousado, mas no mundo de hoje, pela verdade de Deus, permiti-me o impensável. Nenhuma voz se levantou na minha cabeça para mo proibir: as vozes dos meus antepassados, as dos meus pais calaram-se quando pensei fazer o que acabei por fazer. Sei agora, juro-te, que compreendi tudo quando pensei que podia pensar tudo. Isso veio-me assim, sem se anunciar, caiu-me em

cima da cabeça brutalmente como um grande grão de guerra do céu metálico, no dia em que Mademba Diop morreu.

Ah! Mademba Diop, meu mais do que irmão, levou demasiado tempo a morrer: foi muito, muito difícil, nunca mais acabava, de manhã pela madrugada até à noite, as tripas de fora, o lado de dentro do lado de fora, como um carneiro desmanchado pelo talhante ritual após o sacrifício. Ele, Mademba, não estava ainda morto e tinha já de fora o lado de dentro do corpo. Enquanto os outros se tinham refugiado nas feridas hiantes da terra ditas trincheiras, eu fiquei ao pé de Mademba, deitado contra ele, a minha mão direita na sua mão esquerda, a olhar o céu azul frio sulcado de metal. Pediu-me três vezes que acabasse com ele; recusei três vezes. Era antes, antes de me autorizar a pensar tudo. Se fosse então como hoje me tornei, tê-lo-ia matado quando mo pediu pela primeira vez, cabeça voltada para mim, a sua mão esquerda na minha mão direita.

Pela verdade de Deus, se me tivesse já tornado o que sou agora, tê-lo-ia degolado como a um carneiro de sacrifício, por amizade. Mas pensei no meu velho pai, na minha mãe, na voz interior que ordena, e não soube cortar o arame farpado dos seus sofrimentos. Não fui humano para com Mademba, meu mais do que irmão, meu amigo de infância. Deixei que o dever ditasse a minha escolha. Não lhe ofereci mais do que maus pensamentos, pensamentos comandados pelo dever, pensamentos recomendados pelo respeito das leis humanas, e não fui humano.

Pela verdade de Deus, deixei Mademba chorar como uma criança pequena, quando me pediu pela terceira vez que acabasse com ele, defecando-se por baixo, com a mão direita a tatear a terra para juntar os intestinos espalhados, viscosos como cobras de água doce. Disse-me: “Pela graça de Deus e pela do nosso grande morabito, se és meu irmão, Alfa, se és realmente aquele que eu penso, degola-me como um carneiro de sacrifício, não deixes o focinho da morte devorar o meu

corpo! Não me abandones a toda esta porcaria. Alfa Ndiaye... Alfa... suplico-te... degola-me!”

Mas precisamente por ele me ter falado do nosso grande morabito, precisamente, para não infringir as leis humanas, as leis dos nossos antepassados, não fui humano e deixei Mademba, o meu mais do que irmão, meu amigo de infância, morrer com os olhos cheios de lágrimas, a mão trémula, ocupada a procurar na lama do campo de batalha as suas entranhas para as tornar a meter no seu ventre aberto.

Ah, Mademba Diop! Só quando te apagaste comecei realmente a pensar. Só com a tua morte, no crepúsculo, soube, compreendi que não escutaria mais a voz do dever, a voz que ordena, a voz que impõe o caminho. Mas era demasiado tarde.

Quando morreste, as mãos enfim imóveis, enfim em paz, enfim salvo da porcaria do sofrimento pelo teu último sopro, pensei somente que não devia ter esperado. Compreendi demasiado tarde de um fôlego que devia ter-te degolado quando mo pediste, quando tinhas ainda os olhos secos e a mão esquerda apertada na minha. Não devia ter-te deixado sofrer como um velho leão solitário, devorado vivo por hienas, com o lado de dentro de fora. Deixei que me suplicasses por más razões, ideias completamente feitas, demasiado bem vestidas para serem honestas.

Ah, Mademba! Como me arrependi de não te ter matado na manhã da batalha quando mo pedias ainda delicadamente, amigavelmente, com um sorriso na voz! Degolar-te nesse momento teria sido a última agradável brincadeira que poderia ter partilhado contigo nesta vida, uma maneira de continuarmos amigos para a eternidade. Mas em vez disso, deixei-te morrer a insultar-me, a chorar, a babar-te, a uivar, cagando ali como uma criança louca. Em nome de não sei que leis humanas, abandonei-te à tua sorte miserável. Talvez para salvar a minha alma, talvez para continuar como aqueles que me criaram quiseram que eu fosse diante de Deus e dos homens. Mas diante

de ti, Mademba, não fui capaz de ser um homem. Deixei que me amaldiçoasses, meu amigo, tu, meu mais do que irmão, deixei-te uivar, blasfemar, porque não sabia ainda pensar por mim mesmo.

Mas assim que morreste num estertor, no meio dos teus intestinos ao ar livre, meu amigo, meu mais do que irmão, assim que morreste, soube, compreendi que não devia ter-te abandonado.

Esperei um pouco, deitado junto aos teus restos a ver passar no céu da tarde, azul profundamente azul, a cauda incandescente das últimas balas traçantes. E desde que o silêncio poisou sobre o campo de batalha banhado em sangue, comecei a pensar. Tu já não eras mais do que amontoado de carne morta.

Ia fazer o que tu não conseguias fazer ao longo do dia por te tremer a mão. Recolhi piedosamente as tuas entranhas ainda quentes e depu-las no teu ventre, como num vaso sagrado. Na penumbra, acreditei ver-te a sorrir-me e decidi levar-te para casa. No frio da noite, despi a parte de cima da minha farda e também a minha camisa. Passei-te a minha camisa por baixo do corpo e atei-lhe as mangas sobre o teu ventre, num duplo nó, muito, muito apertado, que se tingiu do teu sangue negro. Carreguei-te nos braços e levei-te de regresso à trincheira. Tomei-te nos braços como uma criança, meu mais do que irmão, meu amigo, e andei e continuei a andar pelo meio da lama, das fossas cavadas pelos obuses, cheias de uma água imundamente sanguinolenta, incomodando as ratazanas que tinham saído dos seus subterrâneos para se alimentarem de carnes humanas. E, ao levar-te nos braços, comecei a pensar por mim mesmo, pedindo-te perdão. Soube, compreendi demasiado tarde o que devia ter feito quando mo pedias com os olhos secos, como se pede ao amigo de infância um serviço, uma coisa que nos é devida, sem cerimónias, delicadamente. Perdão.

II

Andei durante muito tempo através das fossas, levando nos meus braços Mademba, pesado como uma criança adormecida. Alvo ignorado pelos inimigos, atolava-me sob a luz da lua cheia e cheguei ao buraco escancarado da nossa trincheira. E, vista de longe, a nossa trincheira apareceu-me como os lábios entreabertos do sexo de uma mulher imensa. Uma mulher aberta, oferecida à guerra, aos obuses e a nós, os soldados. Foi a primeira coisa inconfessável que me permiti pensar. Antes da morte de Mademba, nunca teria ousado imaginar coisa semelhante, dizer-me a mim mesmo que via a trincheira como um sexo feminino desmesurado que nos ia acolher, a Mademba e a mim. O lado de dentro da terra estava do lado de fora, o lado de dentro do meu espírito estava do lado de fora, e eu soube, compreendi que podia pensar tudo o que quisesse na condição de os outros não saberem de nada. Tornei então a fechar os meus pensamentos dentro da minha cabeça, depois de os ter observado de muito perto. Estranhos.

Acolheram-me no ventre da terra como um herói. Eu caminhara sob a lua clara, estreitando o corpo de Mademba, sem ver que uma longa tira do seu intestino escapara ao nó da minha camisa, que lhe apertara à volta da cintura. Quando os outros viram o desastre humano que eu trazia nos meus braços,

disseram que eu era corajoso e forte. Disseram que não teriam sido capazes. Que talvez tivessem abandonado Mademba Diop às ratazanas, que não teriam ousado recolher piedosamente as suas entranhas no vaso sagrado do seu corpo. Disseram que não o teriam transportado por uma tão longa distância sob um luar tão brilhante, exposto e à vista dos inimigos. Disseram que merecia uma medalha, que receberia a cruz de guerra, que a minha família se orgulharia de mim, que Mademba que me olhava do céu se orgulharia de mim. Até mesmo o nosso general Mangin se orgulharia de mim. E então pensei que a medalha me era indiferente, mas que ninguém o saberia. Também ninguém saberia que Mademba me suplicara três vezes que acabasse com ele, que eu me mantivera surdo às suas três súplicas, que fora inumano por obediência às vozes do dever. Mas tornara-me livre de as não escutar, de já não obedecer a essas vozes que ordenam que não se seja humano quando se deveria sê-lo.